Segmento: PUCRS

26/03/2020 | Correio do Povo | Arte & Agenda | 19

Apresentações de ‘No Meu Canto’

O Instituto de Cultura da PUCRS promove o “No Meu Canto’, lives (shows ao vivo online) com artistas gaúchos na conta @pucrscultura no Instagram, sempre nas quintas, 19h. A primeira é hoje com Pedro Cassel. A iniciativa busca promover a cultura e incentivar as pessoas a ficarem em casa por causa do Coronavírus. Em abril, os shows são de Paola Kirst e Pedro Borghetti (dia 2), Glau Barros e Rafa Rodrigues (9), Juliano Guerra (16, único às 21h), e Clarissa Ferreira (23).

26/03/2020 | Diário Gaúcho | A Vida da Gente | 4

Protestos pela falta da máscara N95

Foram mais de 500 reclamações de profissionais da saúde em menos de uma semana, a maior parte delas por farta de equipamento de proteção individual (EPI) adequado. E o número contabilizado pelo Sindisaúde-RS.

Desde o dia 19, o sindicato tem acolhido demandas da categoria. A mais recorrente é em relação à carência de máscaras do modelo N95, considerada mais eficiente na proteção ao coronavírus.

As reclamações têm motivado protestos. Segundo o sindicato, os locais com maiores concentrações de denúncias são o Instituto de Cardiologia de Porto Alegre, o Hospital de Viamão, o Hospital São Lucas da PUCRS e a Santa Casa.

- A máscara N95 precisa ser ampliada para todos os trabalhadores que atuam com pacientes que podem estar infectados - afirma o presidente do Sindisaúde-RS.
Julio Jesien.

A ampliação do uso da N95, no entanto, é questionada por médicos. Para epidemiologista Ricardo Kuchenhecker, do Hospital de Clínicas, a máscara cirúrgica é suficiente para grande parte das rotinas ligadas à covid-19:

- No atendimento de pacientes que não envolvam procedimentos mais invasivos, a máscara círúrgica é suficiente.

Segundo os médicos, o uso indiscriminado da N95 pode gerar carência do material.
- Infelizmente, o uso da N95 está sendo sem critério por profissionais de todas as áreas do hospital, bem como por pacientes ambulatoriais sem sintomas respiratórios e sem indicação médica - diz André Luiz Machado da Silva, infectologjsta Hospital Conceição.

ContrapOntOS
A Fundação Universitária de Cardiologia, mantenedora do Instituto de Cardiologia e Hospital de Viamão, afirmou "que, no momento, conta com EPIs suficientes e adequados às normas do Ministério da Saúde". A assessoria do Hospital São Lucas da PUCRS também afirmou que conta com número suficiente de máscara. A Santa Casa informou que "os estoques de EPIs se mantêm nos padrões normais".

26/03/2020 | Jornal do Comércio | Geraçãoe.com | 1

Viver de arte

Assim como os integrantes do projeto Poetas Vivos Felipe de Freitas Corrêa e Djimitri Souza Rodrigues, há quem transforme a música em uma iniciativa empreendedora no Rio Grande do Sul

Página Central

26/03/2020 | Jornal do Comércio | Geraçãoe.com | 4

Quando empreender no meio musical vai muito além dos palcos

Artistas e produtores encontram formas de viver da arte

A vontade de empreender pode surgir a partir de diversos contextos. No caso do músico Mike Maidana, 32 anos, o que o influenciou foi a dificuldade de encontrar estúdios especializados em ritmos como R&B e rap. “Queria qualidade na hora de gravar. Não tinha quem desse atenção para os estilos urbanos e tivesse a estrutura que eu queria. Então fui lá e criei a MK Sounds em 2011”, conta. Com o tempo, ele agregou serviços audiovisuais e percebeu que o nome não comportava mais o trabalho.

Trocou para Konvictus, em 2014. Com uma cartela de, aproximadamente, 200 clientes, a produtora atende artistas interessados em escalar o mercado musical e também os que buscam satisfação pessoal ou um hobby. O cantor Lumi (da quinta temporada do The Voice Brasil) e a dançarina e cantora Lorena Simpson já gravaram no local. Mike, antes de viver da música, atuou em diversas áreas.

“Trabalhei em restaurante, mercado, fui montador de móveis e, por último, padeiro. Saí para apostar no que eu sempre quis fazer, que era viver de arte. Peguei o dinheiro da rescisão e investi em mais equipamentos para o estúdio. Aqui, tu não encontras o melhor microfone do mundo, o amplificador mais caro, mas sim os aparelhos especializados para a melhor captação de ritmos urbanos”, explica.

A Konvictus conta com uma equipe de quatro pessoas. O produtor Gean Brasil é um deles. Beatmaker desde 2008, aos 12 anos de idade, tinha contrato com duas gravadoras norte-americanas. “Fazia beat em casa, comecei de brincadeira, usando um programa demo e disponibilizando na internet. Fui me profissionalizando, até que me encontraram da Califórnia. Tive contrato até os 15 anos com eles. Foi uma experiência muito boa, porque eu ganhava alguns dólares e podia investir em peças de roupa e acessórios. Nós, que somos do rap, precisamos mostrar atitude”, entende Gean. O profissional diz que se adapta ao que o artista necessita. “Posso desempenhar o papel de produtor, engenheiro de som, compositor, beatmaker, enfim, bastante coisa. Sempre prezando por qualidade e inovação.”

Para o futuro, Mike almeja que a Konvictus torne-se uma gravadora que ofereça contratos. Por esse motivo, está em busca de investidores. “Acredito na nossa força, no nosso trabalho e no dos artistas que temos”, celebra.

Apresentações de coletivo de poesia afrocentrado se espalham pelo País

O coletivo Poetas Vivos é uma iniciativa afrocentrada que abrange poetas, grafiteiros, dançarinos, DJs e atores que têm a poesia como norte. Os artistas são contratados por bares, restaurantes, escolas, universidades e casas noturnas para apresentarem suas intervenções, que têm chamado a atenção do público. Isso porque a principal característica do grupo é falar sobre problemáticas como racismo, machismo e situações que surgem a partir desses preconceitos.

Felipe Deds, 22 anos, um dos fundadores do coletivo, conta que a proximidade com a poesia começou na infância. “Desde pequeno, escrevo o que sinto. Sem formato de rima, só para botar para fora o que tenho dentro de mim. Escutava rap e icava impressionado com os caras”, lembra. Ele e Djimitri Rodrigues, conhecido como Danova, 24 anos, que também integra o grupo, moravam no bairro Jardim Carvalho, onde as ideias começaram a brotar. “Tínhamos um amigo, o Arabin, que nos mostrou batalhas de rima improvisada, e nos encantamos. Começamos a frequentar”, detalha Deds. A morte de Arabin, vítima de depressão, motivou ainda mais a dupla a externar os sentimentos. “A partir disso, não conseguia mais ver as coisas do mesmo jeito. Não queria rimar falando coisas só pelo calor do momento”, expõe Deds. Começou, então, a fazer poesia, em 2017.

Naquele ano, o slam (campeonato de poesia de rua) chegou a Porto Alegre, e uma nova história começou a ser escrita. O currículo de Deds só cresceu na sequência. Ele venceu as edições de praticamente todos os slams do Estado, incluindo a Seletiva Regional de Duplas e o Slam Nacional em Dupla, ao lado da poeta Agnes Mariá. Ele também foi contratado pelo Centro de Juventude Restinga para dar aulas de poesia para adolescentes e jovens adultos em situação de rua, drogas ou vulnerabilidade social.

Em 2018, Deds, ao lado de outros poetas gaúchos com vivência nacional, iniciou o Poetas Vivos. De lá para cá, lançaram projetos poéticos e singles na internet, zines e um livro. Pensando em expansão, o grupo gaúcho concedeu a permissão para que artistas de outros estados usassem o nome da iniciativa. Hoje, portanto, a marca está no Acre, no Rio de Janeiro, na Bahia e em Santa Catarina.

Para Danova, viver da própria arte não é mais uma escolha, mas uma necessidade. “Para nós, que somos crias da rua, é difícil a adaptação em uma empresa na qual as pessoas que chefiam não entendem nossa vivência. Antes, eu rimava e trabalhava. Hoje, rimar é o meu trabalho, e percebo o quanto eu usava a poesia para descarregar algumas frustrações individuais. Viver disso me dá mais bagagem para analisar nosso contexto e pensar de forma ampla. Não sei se conseguiria voltar ao que era antes”, comenta. A atual formação de poetas do coletivo conta, ainda, com Mica, Dickel e Pretana. Quem não encontrar os Poetas Vivos na rua pode acompanhá- los pelas redes sociais.

Desde 1987 na estrada, ex-vocalista do TNT segue na ativa

No apartamento em Porto Alegre que usa como retiro para suas composições, o ex-vocalista da banda TNT, Charles Master, guarda dezenas de discos, instrumentos, CDs e outros elementos que remetem à música. Ele tem uma relação muito especial com a arte, pois ela lhe proporcionou viver situações inesquecíveis. Hoje, Charles faz shows em casas noturnas. “Eu tinha um violão, Flávio Basso (o Júpiter Maçã) tinha outro. Nós fomos melhores amigos de infância, e começar a fazer música foi mais uma das nossas brincadeiras”, conta.

A brincadeira virou negócio. Em 1987, surgiu o TNT, que ficou em voga até o final de 1992. Contemporânea de grupos como Engenheiros do Hawaii e Os Replicantes, a banda enfrentou dificuldade quando ritmos como o axé e o pagode viraram febre, nos anos 1990. “Era bem na época de músicas como ‘Na boquinha da garrafa’. Os caras tomaram conta, e a gente acabou voltando para o Sul. Como um negócio que entra em baixa. Estávamos bem, tocamos no Globo de Ouro, no Chacrinha e na Xuxa, por exemplo. De repente, não tinha mais tanto espaço”, lembra Charles.

O músico, que havia trancado a faculdade de Jornalismo para se mudar para o Centro do País, decidiu reingressar na Pucrs em meio ao cenário desfavorável ao seu estilo. Nessa época, teve que trabalhar em outros segmentos. Para manter a música em sua vida, administrou uma revenda de carros e ainda gerencia uma estética automotiva. “Sabia que era importante e que depois, na volta, ia estar mais maduro, mais eficaz na forma de contar minha história e passar tudo para os outros”, entende. O retorno começou aos poucos. Charles lançou seu primeiro disco solo em 2000. Três anos depois, o TNT se reuniu e gravou um DVD. 2005 marcou o último trabalho da banda em conjunto. Em 2008, Charles lançou o álbum Ninguém é perfeito, do qual se orgulha bastante, dizendo que “muitos nomes de grandes rádios consideram esse um dos maiores álbuns da história do rock gaúcho”.

O último projeto dele foi em 2012, com o CD e DVD Charles Master ao vivo, que teve uma tiragem distribuída no mês de dezembro do ano passado. Hoje, além do Rio Grande do Sul, ele se apresenta em outros estados e aposta nas redes sociais e em seu site. “Meu ilho mais velho que cuida. Quando entendi que isso era importante, não me distanciei mais. Dou uma mexida também. O problema é que muitos da geração que curtia o TNT na época que estourou não estão nas redes.”

A quantidade de seguidores no Instagram, no entanto, não tem muita relevância para o músico, que percebe uma renovação do seu público. “Há pouco, estive em Caxias do Sul. Muita gente da minha geração acompanhada pelos ilhos. Todos cantando juntos. Alguns adolescentes desacompanhados buscando pelo meu trabalho sem ter uma figura mais velha do lado. Depois do show, fiquei duas horas dando autógrafos e tirando fotos. Sou suspeito para falar dos meus trabalhos, mas, caso não tivessem sido bons, isso não aconteceria”, entende. Charles, agora, projeta um futuro junto à família, mas sem deixar de produzir músicas.

“Quero curtir meus filhos, ficar com a minha esposa e ter força e saúde para compor com as pessoas que eu gosto, e, quem sabe, descobrir novos parceiros. Certamente, se eu tivesse nascido com a quantidade de hits que tenho e que ainda vou botar na rua, viveria de direito autoral e não precisaria mais tocar para sustentar minha família”, diverte-se. Os materiais do ex-líder do TNT

podem ser encontrados por meio de seu Instagram @charlesmasteroicial e de seu site.

Este conteúdo foi produzido antes da pandemia do coronavírus no Brasil. Torcemos para que logo os artistas possam voltar às suas rotina de trabalho. #pensamentopositivo

26/03/2020 | Jornal do Comércio | Mercado Digital | 11

Tecnopuc entrega escudos faciais fabricados em 3D para hospital

Foi dado o start à produção de 200 unidades de um escudo facial de proteção em 3D para serem usados por profissionais da saúde que estão trabalhando no combate ao Covid-19. A iniciativa é do Tecnopuc Fablab e o primeiro lote será direcionado para o Hospital São Lucas (HSL), que faz parte do ecossistema da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

“Arrecadamos todas as impressoras 3D de diversos setores da universidade, colocamos aqui no Tecnopuc Fablab e estamos em ritmo acelerado”, conta o superintendente de Desenvolvimento e Inovação da Pucrs, Jorge Audy.

Dois protótipos foram testados pelos profissionais de saúde do HSL, que optaram por uma versão mais ergonômica e também segura. O escudo será colocado por cima da máscara N95, já utilizada pelos hospitais. O líder do Instituto Ideia, do Tecnopuc, Eduardo Giugliani, conta que a capacidade de produção será de 300 a 400 máscaras por semana quando todas as impressoras 3D previstas estiverem a pleno vapor.

Estão disponíveis hoje cerca de 10 impressoras, mas a meta é engajar empresas a participarem para que seja possível chegar entre 20 a 35 impressoras 3D. O hub de fabricação e logística está no Idea, no Tecnopuc. Giugliani afirma que, depois desse primeiro lote, a meta é tentar atender todo sistema de saúde do Rio Grande do Sul.

Mas, existe um gargalo que é o da oferta de matéria-prima para a produção dos escudos. “Os estoques no mercado são baixos, mas vamos tentar contornar isso”, diz. São dois materiais usados na produção: o PETG (rolo de filamento que vai na impressora) e uma folha transparente que também pode ser de PEGT ou acetato.

Para tentar ajudar a resolver questões como essa do fornecimento e ampliar esse trabalho por todo Estado, a Rede Gaúcha de Ambientes de Inovação (Reginp) começou já na quinta-feira a mobilizar os associados, entre universidades, parques tecnológicos e incubadoras.

“Estamos tentando capitalizar dentro da rede e vamos montar uma ação coordenada para ver quais ambientes que estão usando os seus laboratórios de prototipagem para ajudar na fabricação de escudos faciais e outros equipamentos de proteção. Outro foco é identificar as suas redes de fornecedores, afinal, um material que falte para uma localidade, pode estar disponível em outra cidade”, comenta o presidente da Reginp e diretor do Parque Tecnológico da Furg, o Oceantec, Artur Gibbon.

E o resultado foi positivo. Ambientes universitários e de inovação em cidades como Santo Ângelo, Santa Rosa, Rio Grande, Pelotas, Lajeado, São Leopoldo, Bagé, Passo Fundo e Santa Maria, entre outros, estão com inciativas ativas para contribuir neste cenário do novo coronavírus.

“Momentos como esse mostram a importância de termos ambientes de inovação espalhados por todo Estado”, analisa Gibbon.

26/03/2020 | Jornal do Comércio | Mercado Digital | 11

Alimentação equilibrada reforça sistema imunológico

Manter hábitos alimentares saudáveis é um dos principais fatores para garantir as defesas adequadas do nosso organismo. Não existe um alimento que, de forma isolada, possa reforçar o sistema imunológico. Ou seja, precisamos garantir isso com uma alimentação equilibrada, tanto em macronutrientes (carboidratos, proteínas e gorduras saudáveis, que são os nutrientes que fornecem energia)

quanto em micronutrientes (vitamina e minerais, que são reguladores das funções do nosso corpo, como a vitamina C, D e o zinco).

26/03/2020 | Zero Hora | Capa | 1

Estado define meta de 218 leitos extras de UTI e se preocupa com interior

Mesmo que consiga o número estabelecido, Secretaria Estadual da Saúde não sabe se será o suficiente para atenderá demanda em todas as regiões.

26/03/2020 | Zero Hora | Túlio Milman | 2

Esforço coletivo

Um dos mais importantes parques tecnológicos da América do Sul, o Tecnopuc, em Porto Alegre, está abrindo seus laboratórios para a comunidade testar produtos, processos ou serviços que ajudem a combater o coronavírus.

- Estamos todos engajados no combate à doença - declarou o diretor do parque, Rafael Prikladnicki.

O Tecnopuc-Fablab é um laboratório de criatividade e prototipagem com equipamentos de ponta, capacidade de fazer maquetes, impressoras 3D e modelagem de projetos. O Crialab é destinado ao processo criativo. O UsaLab é voltado à engenharia de usabilidade para produtos de saúde.

Informações e inscrições: bit.ly//labs-tecnopuc.

26/03/2020 | Zero Hora | Notícias | 18

Leitos de UTI são desafio ao RS

Enquanto adota medidas de restrição social, o Rio Grande do Sul corre para abrir espaço em seus hospitais para pacientes em estado gravíssimo de coronavírus. Estatísticas internacionais apontam que 80% das pessoas terão sintomas leves e conseguirão se recuperar após descanso em casa por 15 dias. No entanto, outras 15% ficarão em estado grave e mais 5% em estado gravíssimo, o que exigirá internação em leito de Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) por até duas semanas. Esses 5% preocupam autoridades.

Hoje, com população estimada em 11,3 milhões de pessoas, o Estado conta com 3,2 mil leitos de UTI públicos e privados, dos quais 1,6 mil são exclusivos para adultos, segundo análise de fevereiro do Conselho Regional de Medicina do RS (Cremers) sobre dados do Ministério da Saúde. Outra metade é destinada a tratar casos graves de recém-nascidos, crianças, pacientes que realizaram cirurgia no coração ou que sofreram queimaduras graves.

A maioria das vagas é destinada a pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS), mas, ainda assim, há consenso entre médicos de que faltam leitos de UTI no Estado - proporcionalmente, a oferta é menor do que a média nacional, segundo estudo de 2018 do Conselho Federal de Medicina (CFM).

Ter poucas vagas para pacientes em estado gravíssimo é um dos maiores desafios se o coronavírus tiver ritmo de propagação rápido como na Itália. Além da baixa cobertura, a ocupação dessas vagas é próxima a 100%, segundo a secretária estadual da Saúde, Arita Bergmann. Essa realidade é comum no Brasil, onde a ocupação é de 80% em hospitais privados e acima de 95% em instituições

públicas, segundo a Associação de Medicina Intensivista Brasileira (Amib).

Porto Alegre, pelo contrário, tem boa cobertura: é a sexta capital com maior oferta de leitos de UTI. Hoje, são 917, dos quais 610 são para adultos, segundo a Secretaria de Saúde da Capital. A concentração alta é favorecida pelos hospitais universitários da cidade, como Hospital de Clínicas, Santa Casa de Misericórdia, que tem convênio com a Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), e Hospital São Lucas, da Pontifícia Universidade Católica do RS (PUCRS).

Para fazer frente à epidemia, o governo do Estado já orientou médicos, inclusive de convênios, a desmarcarem cirurgias não emergenciais para liberar leitos. O segundo movimento foi o decreto de calamidade, que permite pegar leitos de UTI privados para tratar pacientes do SUS.

Expectativas

O terceiro passo do governo é criar 218 novos leitos de UTI. O cálculo toma como base projeção do Departamento de Economia e Estatística (DEE), segundo a qual o Rio Grande do Sul teria, por volta de 6 de abril, 4.340 casos de coronavírus se a epidemia crescer a um ritmo italiano (pior cenário possível). Se 5% dos pacientes ficarem em estado gravíssimo, haveria nova demanda de 217 novos leitos.

Médicos alertam que o número necessário é hipotético, porque é baseado em uma projeção da Itália aplicada ao cenário brasileiro. É verdade que o Estado tem alta população de idosos - cerca de 20%, segundo cálculos do DEE - e inverno rigoroso. Por outro lado, as medidas de isolamento foram postas em prática antes do crescimento exponencial da epidemia: Porto Alegre começou ontem a proibir os mais velhos de sair de casa e a expectativa é de que o outono tenha temperaturas acima da média e o inverno não seja rigoroso.

Qualquer aumento de leitos é desejável, mas apenas a criação de novas vagas não resolve todos os problemas, avalia Fabiano Nagel, médico intensivista do Hospital das Clínicas de Porto Alegre (HCPA) e do Grupo Hospitalar Conceição (GHC):

- Esses leitos precisam de recursos humanos e materiais. Atualmente, não estão disponíveis no mercado equipamentos para leitos de UTI. Recursos humanos não são formados de um dia para o outro. Não podemos trabalhar com a hipótese de que não seremos afetados como Itália, Espanha, China ou Inglaterra. O poder público parece estar fazendo o que está a seu alcance. O desenrolar disso, os dias vão nos dizer. Mas temos que estar preparados para uma situação muito séria.

Interior terá alto custo de transporte

Outro desafio é que a maior parte dos leitos de UTI no Rio Grande do Sul está concentrada na Região Metropolitana, alerta Paulo Azeredo Filho, assessor técnico de saúde da Federação das Associações de Municípios do Rio Grande do Sul (Famurs), que representa cidades do Estado. Isso exige dos municípios do Interior arcar com os custos de transporte que, em alguns casos, pode chegar a mais de R$ 75 mil para uma única pessoa.

- Os leitos que temos no sistema já estão ocupados por pessoas com câncer ou que fizeram cirurgia. Esses 200 leitos são pouco para o Rio Grande do Sul. As medidas para que as pessoas fiquem em casa e a suspensão de cirurgias sem urgência foram feitas para tentar desafogar um pouco. Esperamos que dê certo - diz Azeredo Filho.

Independentemente da criação de novas vagas, nenhum país ou Estado consegue suportar uma leva de doentes graves buscando tratamento. Por isso, médicos têm suplicado que os brasileiros fiquem em casa nas próximas semanas para evitar que o sistema de saúde colapse.

- Em momentos de guerra, não faz diferença a quantidade de leitos, porque o sistema vai saturar, as pessoas não terão para onde ir e morrerão em casa. É esse o cenário que a gente não quer e por isso as pessoas precisam ficar em casa agora - pede Eduardo Sprinz, chefe da Infectologia do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA).

Mudança

O estudo do Cremers mostra que o Rio Grande do Sul perdeu 1,3 mil vagas em leitos clínicos, mas ganhou 128 leitos de UTI para adultos nos últimos cinco anos, que passaram de 1.502 para 1.630. No total de leitos de UTI (incluindo também vagas para recém-nascidos, crianças, pacientes pós-cirurgia no coração e vítimas de queimaduras graves), o número cresceu de 3 mil para os atuais 3,2 mil. Em um cenário de alta demanda, o governo pode remanejar as vagas desses outros leitos de UTI.

26/03/2020 | Zero Hora | Em dia | 29

Design thinking na pandemia

Quem trabalha com inovação está, de forma geral, bastante familiarizado com o conceito de Design Thinking. Trata-se de uma abordagem, que alguns também chamam de metodologia, cujo objetivo é desenvolver soluções criativas para demandas e problemas existentes. E, nesse sentido, é uma forma de trabalho que tem uma aplicação bastante ampla. As empresas usam para criar novos produtos e processos, mas também é possível usá-la para buscar soluções para desafios pessoais.

A característica principal do Design Thinking é colocar o indivíduo no centro do processo, ou seja, a partir das necessidades das pessoas são concebidas soluções que façam sentido para aquelas que vão usá-las. Além disso, é preciso que as propostas sejam validadas pelas mesmas ao longo da criação, evitando usar recursos (como tempo, dinheiro etc.) em algo inadequado. Para que isso ocorra, a metodologia tem três pilares: empatia, colaboração e experimentação. Empatia significa colocar-se no lugar do outro. Há quem diga que isso não é possível, já que o lugar de cada pessoa é único, mas é possível chegar perto, entendendo o que o outro vê, sente e pensa. A colaboração é fundamental para o desenvolvimento das soluções, pois é importante ter diversos olhares sobre um desafio e são necessários conhecimentos de diferentes áreas atuando em conjunto. A experimentação é o pilar que garante que, a cada passo dado, os resultados estão sendo testados, adaptados e melhorados, sempre com o aval do usuário.

Em tempos de pandemia de coronavírus podemos aprender muito com o Design Thinking. A empatia nos leva a pensar no coletivo para além do individual, a respeitar as pessoas dos grupos de risco e a valorizar e agradecer os profissionais que não podem parar suas atividades para que todos nós possamos ficar mais seguros em isolamento. A colaboração nos demanda ajudar a quem precisa, sermos responsáveis para não compartilhar notícias falsas, não causar pânico nem promover o descaso nesta situação difícil. E, por fim, a experimentação nos possibilita ensaiar novas ferramentas de trabalho e estudo, novas formas de estar perto das pessoas mesmo fisicamente distantes e reinventar nossas atividades diárias. Mas, especialmente, temos a grande oportunidade de sermos pessoas melhores para o mundo. Você está testando isso?

Segmento: Interesse

26/03/2020 | Correio do Povo | Especial | 11

EAD avança e apoia necessidades atuais

Modalidade já registrava maior oferta de vagas a distância do que em cursos presenciais, em 2019. E deve seguir em alta

O Ensino a Distância (EAD), mesmo antes da pandemia do coronavírus, já estava em franca expansão. Dados do Censo de Educação Superior 2018, divulgados no final de 2019, pelo Ministério da Educação (MEC), apontavam que o número de vagas ofertadas em EAD havia superado as do ensino presencial, pela primeira vez na história. Mas, mesmo com esse salto, ainda havia mais alunos matriculados em cursos presenciais do que em cursos a distância. A quarentena obrigatória faz, agora, variadas atividades educacionais oferecidas a distância, teletrabalho ou home office entrarem na vida dos brasileiros, levando a EAD ser repensada. No ano passado, das 13,5 milhões de vagas oferecidas em Educação Superior no Brasil, 7,1 milhões foram para cursos a distância; e 6,4 milhões, para os presenciais. Porém, segundo o MEC, havia 2 milhões de alunos matriculados, em 2019, em cursos a distância, número três vezes menor que a quantidade de alunos matriculados em cursos presenciais, que de era de 6,4 milhões.

A economia é outro aspecto a ser considerado. Cursos EAD têm menores custos e deslocamentos, além de oferecerem comodidade e segurança. Estudo da plataforma Quero Bolsa mostra que a expansão de EAD está diretamente associada a perda de renda do estudante brasileiro. A pesquisa avaliou o processo de escolha de 300 mil alunos do país, desde 2015. Os que desejavam ensino presencial, mas não descartavam a hipótese de estudar a distância passaram de 19,4% (final/2015) para 36,4% (agosto/ 2019). E em maio/19, 46,5% das matrículas foram em EAD.

26/03/2020 | Correio do Povo | Especial | 12

Vantagens e desvantagens do ensino virtual

Senso de autonomia e capacidade de realizar múltiplas tarefas com disciplina e planejamento são características bem desenvolvidas nos alunos que cursam EAD, pois a modalidade exige alto nível de organização pessoal. A partir de dados do setor, a plataforma Quero Bolsa aponta vantagens e desvantagens para quem pensa em fazer curso a distância. Entre as vantagens verificadas estão os horários flexíveis. O estudante organiza seus horários, montando um cronograma em que se sinta mais confortável e livre para realizar outras atividades. Outro ponto é a economia de tempo com deslocamentos, já que muitos alunos estudam longe da faculdade. Além disso, a plataforma lembra a economia com material e livros; a possibilidade de ter aulas em qualquer local; e maior economia, em relação aos cursos presenciais. Também se destacam o diploma igualmente reconhecido pelo MEC; fóruns para discussão e resolução de dúvidas; e o acesso à biblioteca da faculdade. Já, entre as principais desvantagens do EAD está a necessidade de administrar seu próprio tempo. “Quando se faz um curso a distância, a única pessoa responsável por organizar seu horário, para garantir que dê tempo de assistir a todas as aulas e realizar todas as atividades, é você. Isso pode não parecer um problema, em princípio, mas é praticamente impossível concluir o curso sem conseguir gerir seu tempo de forma adequada”, destaca a plataforma. Por fim, ressalta, ainda, a importância de ter muita disciplina e organização. E entre as principais desvantagens, a menor interação com colegas.

26/03/2020 | Correio do Povo | Especial | 12

Instituições aprimoram o modelo

Mesmo que os cenários do mercado sinalizem para um movimento de migração de alunos, do presencial para o Ensino a Distância (EAD), o diretor de Inteligência Educacional da plataforma Quero Bolsa, Pedro Balerine, lembra que as Instituições de Ensino Superior (IES) têm muitos desafios a enfrentar. O primeiro, é que o aluno ainda vê, no presencial, valor maior do que o do curso EAD. “Cabe às instituições consolidar a qualidade do curso, para minimizar esse fator”, diz, apontando o segundo desafio. “O EAD consolidou-se como uma opção mais barata de educação. Mas as próprias instituições de ensino já avaliam que isto pode ser um ‘tiro no pé’, uma vez que reforçam a imagem de curso barato, que pode contaminar o entendimento de que a qualidade também é comprometida. O diretor acrescenta a necessidade de as instituições avaliarem, em detalhe, como o aluno aprende individualmente, e, por fim, garantir a qualidade e o alcance do ensino de excelência a qualquer estudante, em qualquer fase do ensino formal, em qualquer localidade, o que é um desafio para todas as esferas – governos, escolas, IES e empresas.

26/03/2020 | Jornal do Comércio | 2º Caderno | 12

Universitários da área de saúde irão auxiliar no combate ao coronavírus

Universitários dos cursos de saúde já estão autorizados pelo Ministério da Educação (MEC) a fazerem estágio em unidades de saúde. A iniciativa tem o objetivo de auxiliar no combate ao novo coronavírus. A medida foi publicada em portaria na edição extra do Diário Oficial da União. Ao serem alocados em unidades básicas de saúde, unidades de pronto atendimento, rede hospitalar e comunidades, os estudantes universitários passarão a integrar de forma auxiliar no enfrentamento da pandemia.

Dessa forma, os universitários que participarem desse esforço conjunto de contenção da Covid-19, deverão atuar exclusivamente nas áreas de clínica médica, pediatria, saúde coletiva e apoio às famílias, de acordo com as especificidades de cada curso. A decisão vale para alunos de medicina que cursam os últimos dois anos da graduação e para alunos de enfermagem, farmácia e fisioterapia que estão no último ano do curso.

A permissão é temporária enquanto durar a emergência em saúde pública. A atuação será supervisionada por profissionais registrados em seus conselhos e pela orientação docente feita pela Universidade Aberta do SUS (UNA-SUS). As instituições de ensino deverão usar a carga horária dedicada pelos alunos nas ações de enfrentamento como horas de estágio curricular obrigatório. (ABR)

Segmento: Outras Universidades

26/03/2020 | Correio do Povo | Especial | 12

Uma nova modalidade de distância

Feevale Digital, com 11 polos, oferece cursos de graduação e pós, em plataforma avançada

As medidas de prevenção ao coronavírus, que, desde 16/3, tiraram milhares de estudantes do campus da Feevale, em Novo Hamburgo, envolveram mobilização acadêmica para não interromper estudos. Por isso, a Universidade reprogramou o formato das disciplinas presenciais para o ambiente virtual de aprendizado (AVA), valendo-se do suporte que possui com a Feevale Digital, lançada no ano passado. O reitor Cleber Prodanov explica que, nos últimos anos, a Feevale tem se caracterizado pelo uso intensivo de novas tecnologias educacionais e foco na inovação. “Agora, para enfrentar essa pandemia mundial, foi muito importante a nossa expertise, o nosso conhecimento e ferramentas para, simplesmente, virarmos a chave”, destaca. Essa virada de chave a que se refere o reitor resulta de trabalho crescente e investimento em cursos a distância, com estrutura acadêmica adequada à oferta de estudos de qualidade. “Nossa parceria com universidades da Finlândia, baseada em padrões de excelência educacional, impacta positivamente os cursos da Feevale Digital”, argumenta Cleber Prodanov. “Tratase de uma plataforma do século 21 para alunos do século 21.”

FEEVALE DIGITAL.

Todos os cursos digitais seguem uma nova modalidade de Educação a Distância (EAD), a partir de metodologias próprias. Os diplomas de EAD têm valor idêntico aos da modalidade presencial; e os custos das mensalidades são mais acessíveis, em relação à oferta tradicional, preservando a mesma qualidade. A seleção para ingresso em bacharelados, licenciaturas e tecnólogos ocorre no polo escolhido pelo candidato, mediante agendamento. O ingresso é possível por meio da nota do Enem, de transferência, troca de curso ou ingresso de diplomado. Já nas especializações, ocorre mediante a análise de currículo e/ou entrevista. O calendário dos cursos de graduação é estruturado ao longo de 10 semanas. E nos cursos de pós, a duração é de 12 a 18 meses, com atividades totalmente a distância. Além de poder estudar a qualquer hora e lugar, os estudantes contam com acesso a toda a estrutura da Feevale.

METODOLOGIA.

As atividades dos cursos no formato digital são desenvolvidas no ambiente virtual de aprendizagem Blackboard, uma plataforma de acesso às disciplinas e materiais elaborados pelos professores. As propostas pedagógicas se articulam com o mercado de trabalho, relacionando teoria e prática. E a construção do conhecimento ocorre por meio de diversos recursos e ferramentas, como textos,

jogos, vídeos, apresentações, atividades, fóruns ou webconferências.

EAD NA FEEVALE

GRADUAÇÃO - Administração - Análise e Desenv. de Sistemas - Artes Visuais - Ciências Contábeis - Comércio Exterior - Gestão da Produção Industrial - Gestão da Tecn. da Informação - Gestão em Serviços - Gestão Financeira - História - Letras - Logística - Pedagogia - Processos Gerenciais - Sistemas de Informação

PÓS-GRADUAÇÃO - Docência Univers. no Século XXI - Enfermagem do Trabalho - Gestão de Processos Industriais - Gestão Esportiva - Multidisciplinar em Saúde Coletiva/ Ênfase na Atenção Primária

INSCRIÇÕES - O Feevale Digital está com inscrições abertas para ingresso, via aproveitamento da nota do Enem. Após a situação de quarentena, ao normalizarem as atividades acadêmicas, será possível ingresso via Vestibular Agendado. Mais informes: www.feevale.br/digital.

POLOS - A Universidade Feevale possui 11 polos na região: Gravataí, Esteio, Igrejinha, Parobé, Campo Bom, Gramado, Nova Petrópolis, Sapiranga, São Sebastião do Caí e Montenegro; e um polo na China. - Oferecem estrutura e apoio aos alunos, abrangendo atividades presenciais do Feevale Digital. São 3 bacharelados, 4 licenciaturas, 8 tecnológicos e 5 especializações.

26/03/2020 | Diário de Canoas | Especial | 5

Professor da Feevale no comitê de combate ao coronavírus

O presidente da Sociedade Brasileira de Virologia e professor da Universidade Feevale, Fernando Spilki, foi nomeado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações para compor o recém-formado Comitê de Especialistas Rede Vírus (MCTIC). O grupo reúne pesquisadores em uma nova instância da Rede Vírus para lidar no enfrentamento da pandemia de coronavírus e, também, preparar o Brasil para novas pandemias. Spilki é o único pesquisador atuante na região Sul a integrar o Comitê. Conforme o professor Spilki, a função do comitê é propor ações calcadas na pesquisa, na ciência e na inovação brasileiras para combater essa e outras pandemias.

Neste momento, a rede está unida, também, para assessorar o MCTIC nos editais e chamadas, entre outras iniciativas que serão feitas em um futuro próximo, para poder dar uma resposta e poder auxiliar no combate ao coronavírus e outros. “É um grande privilégio estarmos junto de grandes pesquisadores, poder ouvir a experiência deles e participar dessas ações, valorizando o que a ciência brasileira pode fazer para ajudar o País, perante uma crise tão grave”, afirmou o professor da Feevale.

26/03/2020 | Diário de Canoas | Mistura | 15

Máscaras

Os laboratórios da UFRGS começaram a fabricação de máscaras que serão utilizadas por profissionais da saúde no atendimento de pessoas diagnosticadas com o novo coronavírus. O trabalho é realizado de forma voluntária por docentes, técnicos e bolsistas nas impressoras 3D de vários laboratórios de pesquisa da Universidade. Os equipamentos de proteção serão doados a hospitais, inicialmente de Porto Alegre.